

O ENSINO A DISTÂNCIA E O MATERIAL DIDÁTICO IMPRESSO: IMPLICAÇÕES PARA UMA APRENDIZAGEM AUTODIRIGIDA

Mikelly Meireles de Fontes Silva Vieira
Mestranda do Programa de pós-graduação em Ensino (PPGE/UERN)
Mikelly_girl@hotmail.com
Crígina Cibelle Pereira
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
criginacibelle@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho objetiva analisar o material didático impresso na EAD sob a perspectiva da aprendizagem autodirigida. Partimos do pressuposto de que esse material deve proporcionar ao aluno uma aprendizagem autônoma, tendo em vista o fato de não contar com a presença física de um professor diariamente, visto que, as interações ocorrem principalmente por meio das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDCIs). Portanto, a necessidade de um diálogo entre o texto e o aluno leitor. Vale ressaltar que essa pesquisa se configura como uma proposta de dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino – PPGE do Campus Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. Como a pesquisa ainda se encontra em fase de amadurecimento do seu objeto de estudo não apresentaremos resultados empíricos, mas apenas uma discussão mais aprofundada do objeto de estudo. A pesquisa se caracteriza como qualitativa e documental, visto que consiste em uma análise de documentos. Utilizamos como aporte teórico as discussões de Almeida (2011) que trata do material didático impresso para a educação a distância; Santos (2012) que discute sobre a educação à distância; Tardif (2002) e Kenski (2012); e sobre a educação a distância e a aprendizagem autodirigida nos fundamentamos em Charlot (2003), Rancière (2007), Paulo Freire (1996) em sua obra pedagogia da autonomia, dentre outros autores. Concluímos que o MDI deve proporcionar uma aprendizagem autônoma, para isso, o texto deve dialogar com o aluno.

Palavras- chave: Educação à distância; dialogicidade; aprendizagem autodirigida.

RESUMEN: el presente estudio objetiva analizar el material didáctico impreso para la enseñanza a distancia sob la perspectiva del aprendizaje autodirigido. Partimos de la suposición de que ese material debe proporcionar al alumno un aprendizaje autónomo, teniendo en cuenta el facto de que no cuenta con la presencia física de un profesor todos los días, mientras que, las interacciones ocurren principalmente através de las tecnologías digitales de información y comunicación (TDCIs). Portanto, la necesidad de un diálogo entre el texto y el alumno lector. Cabe destacar que esa investigación se configura como una propuesta de disertación del Programa de Pos-graduação en enseñanza – PPGE del “Campus Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia”, de la Universidad del Estado del Rio Grande del Norte (UERN). Como la investigación aún está en etapa de maduración de su objeto de estudio no presentamos resultados empíricos, pero

solamente una discusión más profundizada del objeto de estudio. La investigación se caracteriza como cualitativa y documental, mientras que consiste en un análisis de documentos. Utilizamos las discusiones teóricas de Almeida (2011) que habla del material didáctico impreso para la enseñanza a distancia; Santos (2012) que discute sobre la enseñanza a distancia; Tardif (2002) e Kenski (2012); y a respecto de la enseñanza a distancia y el aprendizaje autodirigido nos basamos en Charlot (2003), Rancièrè (2007), Paulo Freire (1996) en su obra pedagogía de la autonomía, dentre otros autores. Concluimos que el MDI debe proporcionar un aprendizaje autónomo, para eso, el texto debe establecer um diálogo con el alumno.

Palavras- chave: Enseñanza a distancia; dialogicidad; aprendizaje autodirigido.

INTRODUÇÃO

No contexto da educação a distância vários sujeitos e elementos interagem para que o ensino e aprendizagem aconteçam de modo satisfatório. Dentre esses elementos se encontra o material didático impreso, produzido especificamente para quem estuda sem contar com a presença física de um professor. Neste sentido, os sujeitos envolvidos no processo de produção do material didático impreso (MDI) assumem um papel muito importante e singular no que diz respeito ao ensino.

Quando se fala em material didático para o ensino a distância, podemos pensar na gama de materiais disponíveis nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) e no material didático impreso. Este último revela-se como um dos principais elementos de orientação da aprendizagem dos alunos. Conforme os Referencias para Elaboração de Material Didático para EAD, documento elaborado pelo MEC (2002, p. 06), na EAD, “os materiais didáticos impressos são um dos principais meios de socialização do conhecimento e de orientação do processo de aprendizagem, articulados com outras mídias: vídeo, videoconferência, telefone, fax e ambiente virtual”.

Dessa forma, essa pesquisa objetiva analisar o material didático impreso para o ensino a distância sob a perspectiva da aprendizagem autodirigida. Pretendemos com essa pesquisa identificar de que forma esse material contribui para o desenvolvimento de uma aprendizagem autônoma. Para isso, entendemos que o MDI deve estabelecer um constante diálogo entre o aluno e o texto, como se fosse o próprio professor conversando com o aluno. Vale salientar, que essa pesquisa consiste em um trabalho de mestrado que ainda se encontra em andamento, por isso, não apresentaremos neste artigo os resultados empíricos.

Essa pesquisa surgiu de uma inquietação da pesquisadora em entender como se dá a recepção do material didático impresso por parte dos sujeitos - os alunos, que utilizam esse material como principal suporte para o desenvolvimento da aprendizagem tendo em vista o fato de não contarem com a presença física de um professor, visto que, a maioria das interações ocorre por meio das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDCIs) que conduza as discussões e que, portanto, dispõe do material didático impresso como a fonte de conhecimentos. Para isso, buscaremos compreender se o MDI favorece a aprendizagem autodirigida.

Para fundamentar nosso trabalho, nos baseamos nas discussões de Almeida (2011) que trata especificadamente sobre a educação à distância e o material didático impresso; Barros e Fiorin (1994) que discutem sobre dialogismo; fizemos uma relação do nosso objeto de estudo com os saberes pedagógicos, contribuiu com essa discussão, Tardif (2002), Kenski (2012); com relação ao ensino a distância e a aprendizagem autônoma, nos fundamentamos em Charlot (2003), Rancière (2007) Paulo Freire (1996) em a pedagogia da autonomia, dentre outros autores.

METODOLOGIA

A presente pesquisa apresenta-se como uma proposta de dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino – PPGE, do Campus Avançado prof^a Maria Elisa de Albuquerque Maia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, que ainda está em fase de amadurecimento do seu objeto de estudo. Consiste em um trabalho de conclusão da disciplina “Epistemologia do Ensino: Implicações para a Educação Básica”. Como a pesquisa ainda está em andamento, não apresentamos neste artigo os resultados empíricos, mas uma discussão aprofundada acerca do objeto de estudo.

Quanto a natureza a pesquisa se caracteriza como qualitativa, pois o pesquisador atua como participante do processo por meio do levantamento de dados bem como análise de documentos e interpretação dos achados. De acordo com Denzin e Lincoln (2006, p. 23) “Os pesquisadores qualitativos ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações que influenciam a investigação”.

No t3pico seguinte, discutimos sobre o ensino a dist3ncia relacionando com as Tecnologias digitais da Informa3o e Comunica3o, posteriormente mostramos a rela3o entre o ensino a dist3ncia e os saberes pedag3gicos, e conclu3mos o nosso referencial te3rico com a discuss3o do nosso objeto de estudo, o material did3tico impresso e a aprendizagem autodirigida. Por fim, tecemos algumas considera3es finais.

O ENSINO A DIST3NCIA E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMA3O E COMUNICA3O (TDICs)

A educa3o a dist3ncia 3 entendida por Moran (2002, p. 1) “como o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, em que professores e alunos est3o separados espacial e/ou temporalmente”. Por3m, apesar de estarem separados fisicamente, eles podem estar conectados atrav3s das tecnologias digitais da informa3o e da comunica3o.

O crescimento e a procura por cursos na modalidade a dist3ncia s3o cada vez mais expressivos. Com o advento da Internet, especialmente das tecnologias digitais da informa3o e da comunica3o (TDICs), novos ambientes de aprendizagem colaborativos foram emergindo, visto que, a Internet possibilitou, dentre outras coisas, a cria3o de um cen3rio educacional flex3vel e din3mico.

A educa3o a dist3ncia, apesar da 3nfase com que t3m sido utilizada nos dias atuais, sua cria3o n3o 3 recente, denota-se que ela seja t3o antiga quanto a hist3ria da civiliza3o eg3pcia. Conforme Santos, (2012, p. 12) suas primeiras manifesta3es ocorreram na Antiguidade grega quando os povos criaram situa3es de aprendizagem aos disc3pulos que se encontravam distantes fisicamente. Sendo assim, as cartas de Plat3o e as ep3stolas de Paulo, podem caracterizar-se como formas de educa3o a dist3ncia. Ainda conforme os autores j3 citados,

Em tempos distantes, longe das cartas de Plat3o e das ep3stolas de S3o Paulo, encontramos registros de experi3ncias de educa3o por correspond3ncia iniciadas no final do s3culo XVIII e com largo desenvolvimento a partir de meados do s3culo XIX. (SANTOS , 2012, P. 12-13)

Maia e Mattar (2007) t3m afirmado que as cartas de Plat3o e as Ep3stolas de S3o Paulo estariam entre as primeiras experi3ncias de educa3o a dist3ncia. Entretanto, para os autores, foram especificamente a inven3o da imprensa, o emprego

de tecnologias da impressão, a exemplo os jornais, que possibilitou o surgimento da EAD.

Há registros de cursos de taquigrafia a distância, oferecidos por meio de anúncios de jornais, desde a década de 1720. Entretanto, a EaD surge efetivamente em meados do século XIX, em função do desenvolvimento de meios de transportes e comunicação (como trens e correio), especialmente com o ensino por correspondência. (MAIA e MATAR, 2007, P. 21)

Para Tori (2010, p.4) “a educação a distância (EAD) não é tão nova como muitos acreditam. O uso das novas tecnologias para essa modalidade é que trouxe o caráter inovador e atualizado para a EAD”. O referido autor também não nega a origem remota da EAD, porém, para ele, o uso das TIC impulsionou o crescimento da EAD bem como a inovou. No século XX, a expansão da EAD se deu devido ao desenvolvimento dos meios tecnológicos como o rádio, a televisão e a Internet.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996) inclui a oferta da EAD. Garantiu-lhe o incentivo do poder público, espaço amplo de atuação (todos os níveis e modalidades) e tratamento privilegiado no que se refere à utilização de canais de radiodifusão. Os requisitos para a realização de exames e registros de diplomas seriam dados pela União e as demais dimensões (produção, controle, avaliação e autorização) seriam regulamentadas pelos respectivos sistemas de ensino.

No Brasil, a EAD passou por avanços e retrocessos, um dos momentos mais importantes foi a criação em 1996 da Secretaria de Educação a Distância (SEED), que posteriormente no ano de 1997, aliada ao MEC, desenvolveu o PROINFO, Programa Nacional de Informática na Educação. (SANTOS, 2012, p. 17)

Como mencionamos anteriormente, a EAD não surgiu com a chegada das mídias ou da Internet, mas, foram essas tecnologias que lhe conferiram uma maior visibilidade. A Internet, por exemplo, proporcionou a essa modalidade de ensino mais interatividade, uma multiplicidade de linguagens e ainda flexibilidade de tempo. Hoje, o segmento que mais cresce com relação a oferta de cursos nessa modalidade é o ensino superior.

Contudo, conforme Santos (2012), essa expansão da EAD exige dos profissionais bem como das instituições a reflexão sobre a adequação das práticas e metodologias, a formação de educadores, os investimentos dentre outros fatores que

caracterizam a educação à distância que apesar dos avanços ainda se encontra em processo de consolidação.

O ENSINO A DISTÂNCIA E A RELAÇÃO COM OS SABERES

No ensino a distância os sujeitos interagem na maioria dos casos via plataforma ou ambiente virtual de aprendizagem (AVA). Neste sentido, alunos, professores e tutores conversam entre si estabelecendo uma relação dialógica.

Assim, compreendemos que os saberes experiências são fundamentais para o professor que atua na educação a distância, tendo em vista a sua aparente falta de preparação para lidar com as situações que emergem desse contexto. Para Tardif (2002, p. 48-49) os saberes experienciais são “o conjunto de saberes atualizados, adquiridos e necessários no âmbito da prática da profissão docente e que não provêm de instituições de formação nem de currículos”. São, os saberes oriundos da prática pedagógica, baseados em experiências cotidianas, vivenciadas pelo professor na sala de aula. Podemos afirmar, então, que o professor da EAD aprende muito mais com a sua prática, do que com a formação que recebeu.

Para Tardif (2002) o saber dos professores é um saber plural, formados de diversos saberes provenientes das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos de da prática cotidiana. Para o autor, os saberes experienciais atuam como núcleo central do saber docente, pois é a partir deles que o professor interpreta, compreende o acima de tudo orienta a sua prática.

Keski (2012, p. 99) nos apresenta a concepção de professor como *agente da memória na sociedade digital*. Para ele, no atual contexto da era digital, os saberes dos professores ganham outra dimensão. Neste sentido, o papel do professor é “recuperar a origem e a memória do saber, de estabelecer uma certa ordem e direcionamento para as práticas, os conhecimentos, as vivências e posicionamentos nos mais variados ambientes e equipamentos”. Esse professor tem a função de ajudar os seus alunos a se compreenderem como participantes de um complexo grupo social com tradições e civilizações diferentes. Logo, para o autor, o seu papel seria o de orientar os alunos a respeitar e aprender por meio de trocas virtuais com alunos de outras culturas.

O MATERIAL DIDÁTICO IMPRESSO E A APRENDIZAGEM AUTODIRIGIDA

Conforme Almeida (2011) a própria natureza da educação a distância contribui para a formação de estudantes mais autônomos. Para Belloni (1999 *apud* Almeida 2011, p. 119) “por aprendizagem autônoma entende-se um processo de ensino e aprendizagem centrado no aprendente”, isto é, o aluno é um sujeito autônomo capaz de autogerir o seu processo de aprendizagem. Logo, para Belloni (1999) para que a educação favoreça a autonomia do aluno deve basear-se no diálogo.

Segundo Sales e Sales (2010, p. 06) na elaboração de um material didático para a EAD,

é preciso ter claro que este texto dirige-se ao estudante que, pela especificidade dessa modalidade educacional, está geograficamente distante, portanto, o material produzido para esse público deve apresentar uma condição de diálogo com o conhecimento, apresentar linguagem clara, leve e ainda, provocar interação, desafio, reflexão e desenvolvimento da capacidade crítica dos sujeitos.

Na Ead a linguagem figura-se como um componente fundamental no processo de mediação da aprendizagem dos alunos. Por isso, exige-se que ela seja clara e, sobretudo, estabeleça um constante diálogo com o aluno. Por isso, a produção de MDI, segundo Silva (2011, p. 30)

envolve algumas características importantes, visando à criação de um estilo dialógico de linguagem que promova a interatividade com os alunos. Assim, hipertextualidade, intertextualidade, multimodalidade, intergeracionalidade, dialogismo e várias outras características tornam-se fundamentais no processo de mediação pedagógica.

Ainda de acordo com Silva (2011, p. 30) o diálogo deve proporcionar uma diminuição entre a distância física e temporal dos cursos a distância e para que o aluno possa sentir próximo ao professor mesmo não estando presente fisicamente.

Barros e Fiorin (1994, pp. 03-04) consideram o caráter polissêmico do termo dialogismo a partir de duas vertentes. Segundo os autores, a natureza dialógica da linguagem pode ser estudada no processo de interação verbal entre enunciatário e enunciador. Por outro lado, o dialogismo também pode ser entendido como “*diálogo entre os muitos textos da cultura, que se instala no interior de cada texto e o define*”. Neste sentido, o material didático impresso pode contemplar estas duas vertentes tanto do ponto de vista da dialogicidade entre os enunciados como entre o leitor e o texto.

Podemos estabelecer uma relação dessa aprendizagem autogerida, em que o aluno aprende sozinho, sem a interferência do professor, com a discussão que

Rancière (2007) propõe em seu livro “O mestre ignorante: cinco lições sobre emancipação intelectual”. Para o autor, o aluno é capaz de aprender sem a explicação de um professor, desde que ele seja emancipado. É a ideia da autonomia intelectual. Para ele, “explicar alguma coisa a alguém é, antes de mais nada, demonstrar-lhe que não pode compreendê-la por si só”. (RANCIÈRE, 2007, p. 23). Logo, todos nós somos capazes de aprender, não há, para Rancière essa dicotomia entre sábio e ignorante, capaz e incapaz, inteligente e não inteligente.

Neste sentido, o aluno da EAD, por natureza, não conta com um mestre explicador, o MDI, é a sua fonte de conhecimento, porque se entende que esse aluno é capaz de aprender por si só. Segundo Rancière (2007, p 27) “nada há além da página escrita, nenhum fundo duplo que necessite do trabalho de uma inteligência *outra*, a do explicador”, quando se tem vontade de aprender.

Para Charlot (2013, p. 107) a aprendizagem é algo pessoal e parte da vontade do aluno. “só pode aprender quem desenvolve uma atividade intelectual para isso e, portanto, ninguém pode aprender em vez do outro”.

Paulo Freire (1996) em sua obra pedagogia da autonomia salienta que educar não é transmitir conhecimentos, mas fornecer as condições necessárias para a construção do saber pelo educando. Para ele, é imprescindível que o professor respeite à autonomia do educando, a sua liberdade de expressão. “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. (FREIRE, 1996, p. 35). E essa autonomia vai se constituindo na experiência das decisões que vão sendo tomadas, ao longo dos dias, com o amadurecimento. Neste sentido, ajudar o aluno a desenvolver sua autonomia não implica em abandoná-lo, mas fazê-lo sentir-se apoiado pela mediação do professor. No contexto da EAD, o professor não se encontra presente fisicamente, mas mantém contato com o aluno através da internet. Assim, a autonomia vai sendo adquirida aos poucos a medida que o sujeito age, interage e posiciona-se frente aos desafios que surgem no dia-a-dia.

Portanto, não pretendemos aqui esgotar a discussão, mas fornecer bases para que se tenha uma compreensão acerca do material didático impresso no ensino a distância e a aprendizagem autodirigida. Vimos no decorrer deste tópico que o aluno que estuda a distância deixa seu papel tradicional de receptor e passa a agir no seu próprio processo de aprendizagem de maneira autônoma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho proporcionou uma discussão sobre o material didático impresso no ensino a distância sob a perspectiva da aprendizagem autodirigida. Não apresentamos os resultados empíricos, pois como já mencionamos antes, se trata de uma pesquisa ainda em fase de amadurecimento. Logo, ao longo das discussões, apresentamos um breve histórico da Educação a distância, em seguida, relacionamos essa modalidade de ensino com os saberes, em especial, a discussão proposta por Tardif (2002), e por último, tratamos do material didático impresso e a aprendizagem autodirigida.

Concluimos que o material didático impresso deve proporcionar uma aprendizagem autônoma, pois o aluno da EAD não conta com um professor em um contexto de interação autêntica e, por isso, esse material é a sua fonte de conhecimentos. Portanto, ele deve apresentar uma linguagem clara, acessível e, sobretudo, dialógica, para que o aluno consiga desenvolver sua aprendizagem sem maiores dificuldades.

Esperamos que este trabalho possa proporcionar uma reflexão sobre a adequação de práticas e metodologias, a formação de professores, dentre outros fatores que caracterizam a educação à distância. E que a partir deste, outros trabalhos incluindo a temática dos materiais didáticos impressos possam ser realizados.

REFERÊNCIAS

BARROS, D., FIORIN, J. (Orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade:** em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1994.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. MEC. Referenciais para elaboração de material didático para EAD no Ensino Profissional e Tecnológico. 2002.

CHARLOT, Bernard. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição. In: **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KENSKI, V. M. O papel do professor na sociedade digital. In: **Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média**. Castro e Carvalho (orgs.). São Paulo: Cengage Learning, 2012.

MAIA, C. e MATTAR, J. ABC da EaD: educação a distância hoje. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MORAN, J. M. O que é educação a distância. 2012. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm>. Acesso 13 de Dez. 2013

RANCIÈRE, Jacques. O mestre ignorante. Cinco lições sobre emancipação intelectual. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SALES, M. V. SALES, K. M. B. Cursos UNEB EaD manual de elaboração de material didático. Salvador 2010. Disponível em <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABKL4AD/manual-elaboracao-material-didatico> acesso em 18/06/2014 as 17:16

SANTOS, S. C. A, LEMOS, E., BEZERRA, C. Curso de formação em ead. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. 2012.

SILVA, I. M. Educação a distância: Uma abordagem dialógica na construção de materiais didáticos impressos. 2011. Disponível em: <http://www.seer.furg.br/redsis/article/view/1872>

TARDIF, M. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. 3.ed. Trad. Francisco Pereira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TORI, R. Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.